

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)**

DIVINA APARECIDA ALVES LISBOA

ANÁPOLIS/ GO
2010

DIVINA APARECIDA ALVES LISBOA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)

Estudo de Caso apresentado à
coordenação da Faculdade Católica
de Anápolis para obtenção do título de
Especialista em Psicopedagogia
Clínica.

ANÁPOLIS-GO
2010

DIVINA APARECIDA ALVES LISBOA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)

TCC apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia
Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.
Anápolis-Go, 26 de setembro de 2010.

APROVADA EM: _____ / _____ / _____ NOTA: _____
BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Sueli de Paula
Orientadora

Ms. Maria Inácia Lopes
Convidada

Ms. Antônio Fernandes dos Anjos
Convidado

SUMÁRIO

1 – APRESENTAÇÃO.....	05
2 – DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO.....	08
2.1 – Instrumentos Utilizados.....	08
2.1.1 – Anamnese (anexoI)	08
2.1.2 – Entrevista com o cliente(anexoII).....	09
2.1.3 – Atividades Lúdicas.....	10
2.1.4 – Provas Operatórias.....	10
2.1.5 – Provas Projetivas Psicopedagógicas.....	11
2.1.6 – Jogo de Regras.....	11
3 - ANÁLISES DOS INSTRUMENTOS.....	13
3.1 – Anamnese.....	13
3.2 – Entrevista com o cliente.....	15
3.3 – Atividades Lúdicas.....	18
3.3.1 – Pintura Livre (anexoIII)	18
3.3.2 – Tangram (anexoIV).....	18
3.3.3 – Origami (anexo V)	18
3.3.4 – Mosaico de Papel(anexo VI)	19
3.4 – Provas de Diagnóstico Operatório.....	19
3.4.1 – Prova de Conservação de Volume.....	19
3.4.2 – Prova de Pensamento Formal	19
3.5 – Provas Projetivas Psicopedagógicas.....	20
3.5.1 – Par Educativo (anexo VII).....	20
3.5.2 – Família Educativa (anexo VIII).....	21
3.5.3 – Eu e Meus Companheiros (anexoIX).....	22
3.6 – Jogo de Regras.....	22
3.6.1 – Jogo dos Pontinhos (anexoX).....	23
3.6.2 – Pega Varetas	23
3.6.3 – Jogo da Velha (anexoXI).....	23
3.7 – Provas Pedagógicas(anexoXII).....	24
3.8 – Material Escolar.....	24
3.9 – A Hora do Jogo.....	24

3.10 – Linguagem Oral.....	25
4 – HIPÓTESES DIAGNÓSTICAS.....	26
5 – SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS.....	27
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
7 - REFERÊNCIAS.....	29
8 – ANEXOS	

1- APRESENTAÇÃO:

O presente relatório de Estágio em Psicopedagogia Clínica (Estudo de Caso) teve como origem o estágio em Psicopedagogia Clínica, que teve como objetivo o diagnóstico de um adolescente do sexo masculino, de 14, anos cursando o 7º ano do Ensino Fundamental.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a adolescência é um período da vida, que começa aos 10 e vai até os 19 anos, e segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente começa aos 12 e vai até os 18 anos, onde acontecem diversas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais. Adolescência, uma etapa maravilhosa da vida, que muitos insistem em chamar de “aborrescência”. O começo de um despertar para um mundo novo, onde posso ser ator/atriz principal de minha vida, e por conseqüência adquirir a capacidade de poder mudar meu país. Ainda bem que eu encontrei meu espaço, ou melhor, lutei por ele, espaço esse em que posso participar. Geralmente nunca nos deixam participar e com isso aquela vontade natural de mudar o mundo é esquecida, ou melhor, dá lugar a um conformismo ou será inconformismo?

A psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem humana, seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio - família, escola e sociedade – no seu desenvolvimento e suas dificuldades.

Para Capra (1996, p.47), o trabalho da Psicopedagogia é evitar ou debelar o fracasso escolar em uma visão do sujeito como um todo, objetivando facilitar o processo de aprendizagem. O ser sob a ótica da Psicopedagogia é cognitivo, afetivo e social.

Segundo Bossa (2000, p. 21)

A Psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda - o problema de aprendizagem, colocado num território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia - e evoluiu devido à existência de recursos, ainda que embrionários, para atender essa demanda, constituindo-se, assim, numa prática.

A Psicopedagogia vem criando identidade e campo de atuação próprios que estão sendo organizados e estruturados especialmente pela Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp).

A atuação de o Psicopedagogo serve para atender crianças ou adolescentes com problemas de aprendizagem, atuando na sua prevenção, diagnóstico e tratamento clínico.

O psicopedagogo, através do diagnóstico clínico, irá identificar as causas dos problemas de aprendizagem. Para isto, ele usará instrumentos tais como, provas operatórias (Piaget), provas projetivas (desenhos), anamnese e entrevistas.

Na clínica, o psicopedagogo fará uma entrevista inicial com os pais ou responsáveis para conversar sobre horários, quantidades de sessões, a importância da frequência, da presença e o que ocorrer. O histórico do sujeito, desde seu nascimento, será relatado numa entrevista chamada anamnese, com os pais ou responsáveis.

Durante o estágio que foi realizado no período de junho a agosto foram realizadas 10 sessões de diagnóstico onde foi atendido T.T.A., um adolescente de 14 anos, do sexo masculino, com a queixa familiar e escolar de que o adolescente, desde a alfabetização, tem muitas dificuldades na leitura e na escrita, também na matemática. Troca muitas letras e nunca consegue fazer as atividades de casa.

No espaço clínico a queixa é o primeiro passo para o diagnóstico psicopedagógico. Na maioria das vezes a queixa é narrada pelos pais, responsáveis pelo sujeito, ou por profissionais como psicólogos e coordenadores.

Segundo Weiss (1992) a “queixa” não é apenas uma frase falada no primeiro contato, ela precisa ser escutada ao longo de diferentes sessões diagnósticas, sendo fundamental refletir-se sobre o seu significado.

A autora nos diz que ao longo do processo a queixa vai se transformando e se revelando de menor importância ao mesmo tempo em que vai surgindo um motivo latente que realmente mobilizou os pais para a consulta.

O tratamento poderá ser feito com o próprio psicopedagogo que fez o diagnóstico ou poderá ser feito com outro psicopedagogo.

Durante o tratamento são realizadas diversas atividades com o objetivo de identificar a melhor forma de se aprender e o que poderá estar causando este bloqueio. Para isto, o psicopedagogo utilizará recursos como jogos, desenhos, brinquedos, brincadeiras, conto de histórias, computador e outras situações que forem oportunas. A criança, muitas vezes, não consegue falar sobre seus problemas e é através de desenhos, jogos, brinquedos que ela poderá revelar a causa de sua dificuldade. É através dos jogos que a criança adquire maturidade, aprende a ter

limites, a ganhar e a perder, desenvolve o raciocínio, aprende a se concentrar e adquire maior atenção.

O psicopedagogo solicitará, algumas vezes, as tarefas escolares, observando cadernos, olhando a organização e os possíveis erros, ajudando-o a compreender estes erros.

Ajudará a criança ou adolescente a encontrar a melhor forma de estudar para que ocorra a aprendizagem, organizando, assim, o seu modelo de aprendizagem.

2 - DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO

2.1 – Instrumentos Utilizados

2.1.1 – Anamnese

Segundo Weiss (2003, p.61), o objetivo da anamnese é "colher dados significativos sobre a história de vida do paciente".

Consiste em entrevistar o pai e/ou a mãe, ou responsável para, a partir disso, extrair o máximo de informações possíveis sobre o sujeito, realizando uma posterior análise e levantamento do 3º sistema de hipóteses. Para isto é preciso que seja muito bem conduzida e registrada.

Para Weiss (2003, p.64) "o psicopedagogo deverá deixá-los à vontade para que todos se sintam com liberdade de expor seus pensamentos e sentimentos sobre a criança e para que possam compreender os pontos nevrálgicos ligados à aprendizagem".

Deixá-los falar espontaneamente permite ao psicopedagogo avaliar o que eles recordam para falar, qual a sequência e a importância dos fatos. O psicopedagogo deverá complementar ou aprofundar.

Conforme Weiss (2003, p.64)

Em alguns casos deixa-se a família falar livremente. Em outros, a depender das características da família, faz-se necessário recorrer a perguntas sempre que necessário. Os objetivos deverão estar bem definidos, e a entrevista deverá ter um caráter semidiretivo.

De acordo com Paín (1992, p.42) a história vital nos permitirá "...detectar o grau de individualização que a criança tem com relação à mãe e a conservação de sua história nela".

É importante iniciar a entrevista falando sobre a gravidez, pré-natal, concepção. Weiss (2003, p.61) nos informa que: "A história do paciente tem início no momento da concepção"

Posteriormente é importante saber sobre as primeiras aprendizagens não escolares ou informais, tais como: como aprendeu a usar a mamadeira, o copo, a colher, como e quando aprendeu a engatinhar, a andar, a andar de velocípede, a controlar os esfíncteres, etc. Para Weiss (2003,p.66) a intenção é descobrir "em que medida a família possibilita o desenvolvimento cognitivo da criança - facilitando a

construção de esquemas e deixando desenvolver o equilíbrio entre assimilação e acomodação...".

É interessante saber sobre a evolução geral da criança, como ocorreram seus controles, aquisição de hábitos, aquisição da fala, alimentação, sono etc., se ocorreram na faixa normal de desenvolvimento ou se houve defasagens.

Weiss nos orienta também saber sobre a história clínica, quais doenças, como foram tratadas, suas consequências, diferentes laudos, sequelas.

A história escolar é muito importante: quando começou a frequentar a escola, sua adaptação, primeiro dia de aula, possíveis rejeições, entusiasmo, porque escolheram aquela escola, trocas de escola, enfim, quais os aspectos positivos e negativos e as consequências na aprendizagem.

Segundo Weiss (2003, p.63 e 102) "é na anamnese que descobrimos com os pais toda a dinâmica familiar em relação a aprendizagem de vida. Fazendo um mergulho nas lembranças sobre a história da criança, seus preconceitos, afetos, conhecimentos, tudo que foi depositado sobre o sujeito".

Todas estas as informações essenciais da anamnese devem ser registradas para que se possa fazer um bom diagnóstico.

2.1.2 - Entrevista com o cliente

A primeira entrevista deve ser realizada no início do diagnóstico, antes da aplicação das provas. De acordo com Visca (1987, p.73), o que nos interessa observar são "... seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesa, ansiedades, áreas de expressão da conduta, níveis de operatividade, mobilidade horizontal e vertical etc". É na entrevista que o psicopedagogo extrairá o 1º Sistema de hipóteses e definirá sua linha de pesquisa. Logo após são selecionadas as provas piagetianas para o diagnóstico operatório, as provas projetivas psicopedagógicas e outros instrumentos de pesquisa complementares.

Segundo Weiss (1992, p.43)

O primeiro encontro com o paciente é carregado de ansiedade de ambas as partes e tem como objetivos a compreensão da queixa nas dimensões familiar e escolar, a captação familiar e escolar, a captação das relações e expectativas familiares centradas na aprendizagem escolar.

2.1.3 – Atividades lúdicas

Imaginação, apresentação, simulação, atividades com jogos são consideradas como estratégia didática, facilitadora da aprendizagem, quando as situações são planejadas e orientadas por profissionais ou adultos, visando aprender, isto é, proporcionar à criança a construção de algum tipo de conhecimento, alguma relação ou desenvolvimento de alguma habilidade.

O lúdico, enquanto recurso pedagógico na aprendizagem, deve ser encarado de forma séria, competente e responsável. Usado de maneira correta, poderá oportunizar ao educador e ao educando, importantes momentos de aprendizagens em múltiplos aspectos.

Considerando-se sua importância na aprendizagem, o lúdico favorecerá de forma eficaz o pleno desenvolvimento das potencialidades criativas das crianças, cabendo ao educador, intervir de forma adequada, sem tolher a criatividade da criança. Respeitando o desenvolvimento do processo lúdico, o educador poderá desenvolver novas habilidades no repertório da aprendizagem infantil.

Para Weiss (2003, p.67) “as atividades lúdicas são de extrema importância para o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo da criança pois é através dela que a criança expressa seus sentimentos em relação ao seu mundo”.

É através das brincadeiras que a criança consegue adquirir conhecimentos, superar limitações e desenvolver-se como indivíduo.

O lúdico favorece o desenvolvimento das potencialidades criativas fazendo a reprodução da realidade e estimulando a aprendizagem.

Bossa (1996), diz que através da atividade lúdica a criança expressa seus conflitos, o que nos permite reconstruir o passado.

2.1.4 – Provas Operatórias:

A aplicação das provas operatórias tem como objetivo determinar o nível de pensamento do sujeito realizando uma análise quantitativa e reconhecer as diferenças funcionais com um estudo predominantemente qualitativo.

Segundo Weiss (2003, p. 106): “As provas operatórias têm como objetivo principal determinar o grau de aquisição de algumas noções-chave do

desenvolvimento cognitivo, detectando o nível de pensamento alcançado pela criança, ou seja, o nível de estrutura cognoscitiva com que opera”.

O conjunto de provas de experimentação em Psicologia Genética tem servido para rastrear na criança noções que são objeto de estudo da epistemologia (tais como noções de tempo, espaço, conservação, causalidade, número, etc.) e mediante as quais a Escola de Genebra tem tentado dar conta do nascimento da inteligência e do desenvolvimento das operações intelectuais.

Foi esta tarefa árdua e paciente que Piaget e seus colaboradores iniciaram há vários anos e que tem conseguido resultados novos e positivos a favor da Psicologia científica e que servem como base a uma Epistemologia Experimental.

Mediante as provas de Diagnóstico Operatório, podemos chegar a determinar o grau de aquisição de algumas das noções chave do desenvolvimento cognitivo, cujo conteúdo se leva em conta cada uma delas de modo muito específico.

2.1.5 – Provas Projetivas Psicopedagógicas

Para Visca (1987, p.73) “as provas projetivas, em como objetivo em sua aplicação investigar os vínculos que o sujeito pode estabelecer em três grandes domínios: o escolar, o familiar e consigo mesmo”.

Sobre as provas projetivas Weiss (2003, p.117) observa que:

[...]o princípio básico é de que a maneira do sujeito perceber, interpretar e estruturar o material ou situação reflete os aspectos fundamentais do seu psiquismo. É possível, desse modo, buscar relações com a apreensão do conhecimento como procurar, evitar, distorcer, omitir, esquecer algo que lhe é apresentado. Podem-se detectar, assim, obstáculos afetivos existentes nesse processo de aprendizagem de nível geral e especificamente escolar.

Para Sara Paín, (1992, p.61)

[...]o que podemos avaliar através do desenho ou relato é a capacidade do pensamento para construir uma organização coerente e harmoniosa e elaborar a emoção. Também permitirá avaliar a deteriorização que se produz no próprio pensamento. Esta autora ainda nos diz que o pensamento fala através do desenho onde se diz mal ou não se diz nada, o que oferece a oportunidade de saber como o sujeito ignora.

2.1.6 – Jogo de Regras

A brincadeira e o jogo constituem-se uma necessidade humana e, segundo Kishimoto (2000), interferem diretamente no desenvolvimento da imaginação, da

representação simbólica, da cognição, dos sentimentos, do prazer, das relações, da convivência, da criatividade, do movimento e da autoimagem dos indivíduos. Muitos educadores desvalorizam a brincadeira acreditando que o mais importante na escola é aprender a ler e escrever. Não levam em conta que todo o desenvolvimento que a brincadeira traz para os indivíduos é pré-requisito para a alfabetização.

Vygotsky (1996) afirma que a brincadeira simbólica e o jogo formam uma zona de desenvolvimento proximal que pode se constituir no ponto de partida para aprendizagens formais.

Segundo Piaget (1975) É por meio do jogo a criança assimila o mundo para atender seus desejos e fantasias. O jogo segue uma evolução que se inicia com os exercícios funcionais, continua no desenvolvimento dos jogos simbólicos, evolui no sentido dos jogos de construção para se aproximar, gradativamente, dos jogos de regras, que dão origem à lógica operatória.

Segundo o autor, nos jogos de regras existe algo mais que a simples diversão e interação, pois, eles revelam uma lógica diferente da racional. Este tipo de jogo revela uma lógica própria da subjetividade tão necessária para a estruturação da personalidade humana quanto a lógica formal, advinda das estruturas cognitivas.

Para Gonçalves (1999), os jogos de regras podem ser considerados o coroamento das transformações a que a criança chega quando atinge a reversibilidade do pensamento.

Segundo o dicionário Aurélio “Jogo é uma atividade física ou mental organizada que por um sistema de regras definem quem perde ou ganha”.

Logo podemos dizer que o jogo está muito ligado ao próprio funcionamento da inteligência, uma vez que sua construção é uma série de assimilações e acomodações. Quando a criança ou adolescente joga com regras exercita todas suas funções intelectuais mesmo que esta seja de natureza metafórica.

3 - ANÁLISES DOS INSTRUMENTOS

3.1 – Anamnese

A anamnese (anexo I) foi feita com a mãe, E.F.C.T.A. e o paciente T.T.A. que diz ter o apelido na escola de Paraíba, que é um adolescente de 14 anos, estudante do 7º ano em uma escola da rede pública deste município.

T. nasceu aos nove meses de parto normal, mexeu no ventre mais ou menos com seis meses e a mãe teve uma boa gestação, apesar de ser uma gravidez não planejada, a mãe diz só ter boas lembranças da gravidez.

Estava em boas condições de saúde, só fazia muitas travessuras, como por exemplo pular e pegar peso, mas tinha boas condições emocionais.

T. nasceu de 9 meses com 4.800 Kg e 53 centímetros de comprimento e seu desenvolvimento foi normal.

Firmou a cabeça com 2 meses, sentou sem apoio com 6 meses, engatinhou aos 8 meses, ficou de pé aos 9 meses e andou com um aninho, andava de um móvel para outro. A mãe ficava de um lado e o pai de outro até ele aprender a andar.

Com um ano e meio parou de fazer as necessidades fisiológicas na roupa. A mãe diz que ele é lento para tudo, só não é lento para comer, pois come muito rápido.

Gosta muito de andar de bicicleta, já é independente e faz tudo sozinho.

É destro, róí unhas e chupou o dedo até os 7 anos. Não gosta muito de ir para a escola. A mãe diz que ele é muito fechado e tem poucos colegas, combina melhor com os primos do que com amigos.

Já foi reprovado duas vezes porque não consegue ter boas notas. Não entende o conteúdo. Ele diz prestar atenção nas aulas, mas quando chega em casa não consegue fazer as tarefas e a mãe não entende o conteúdo para ajudá-lo.

Não gosta de ficar sozinho e prefere brincar com amigo da idade dele ou um pouco menor.

Com os pais ele é muito fechado. A mãe diz que quando quer saber de algo tem que ficar perguntando. Com a irmã de 3 anos ele brinca, mas diz não ter muita paciência. Para disciplinar a mãe diz que bate, quando precisa, põe de castigo e tira as coisas que ele gosta. Quem disciplina é a mãe pois o pai viaja muito.

É calado em casa, porém é muito carinhoso, é passivo mas às vezes fica nervoso. É retraído, desligado e muito medroso. Não gosta de ficar sozinho, emburra facilmente e o que mais gosta de fazer é andar de bicicleta e saltar pipa.

Em dois dias da semana ele dorme até tarde e em três dias vai para a casa da tia com a mãe para ele trabalhar.

T. sofre de diabetes desde os 2 anos de idade e faz acompanhamento médico. Toma insulina 3 a 4 vezes ao dia, tem vergonha de fazer os procedimentos na frente dos outros. Quando tem crises, a mãe diz que o primeiro sintoma é começar a chorar.

Segundo estudos sobre a diabetes podemos constatar que a Diabetes Mellitus é genética e em 50 % dos casos se manifesta na infância ou no início da adolescência. Em praticamente todos os casos, requer a aplicação de insulina diária.

A criança com diabete não controlada, além de outros problemas mais sérios, corre o risco de ter seu desempenho escolar prejudicado. O excesso de glicose no sangue, hiperglicemia, que produz o acúmulo de ácido, deixa a pessoa muito fraca. Alguém nessas condições fica incapaz de desenvolver qualquer atividade e precisa ser tratada urgentemente. O contrário, a falta de glicose, ou hipoglicemia, também é prejudicial. "Com um quadro de hipoglicemia a pessoa já se sente mal na hora e os neurônios não funcionam direito".

Embora seja uma doença perigosa, podendo levar à morte, os diabéticos podem levar uma vida perfeitamente normal, desde que sejam tomados os cuidados necessários. Para tanto, é preciso que a mãe e a escola dele estejam preparadas e bem informadas sobre o assunto.

A mãe de T. diz que a diabetes dele sempre foi bem controlada desde pequeno, agora que ele está na adolescência, às vezes, come algo que não pode. Se alguém lhe der uma bala ele chupa ou toma refrigerantes que não pode. Por este motivo de vez em quando ele tem crises.

Não gosta de estudar nem de ler, tem vergonha porque ele lê muito mal, tropeça nas sílabas e não faz nenhuma pontuação. Tem dificuldades na leitura e na escrita, mas a maior dificuldade é na matemática. Os professores reclamam que ele é muito disperso e não faz as atividades propostas.

Demorou muito a desenvolver a fala, a mãe diz que chegou a levar ao fonoaudiólogo mas ele disse que estava tudo normal com ele. Até hoje ele fala muito

rápido e engole sílabas. Usa óculos porque reclamava muito de dor de cabeça. Quando a diabetes ataca ele chega a desmaiar.

Foi amamentado até um ano e meio e se alimenta muito bem. Dorme quieto, mas às vezes fala dormindo e até hoje, de vez em quando, chama a mãe à noite dizendo ter pesadelos.

A mãe relata que T. traz esta dificuldade desde a alfabetização.

Percebi que o pai é um pouco ausente. A entrevista foi à noite e ele não quis participar. A mãe disse que ele teria que levar o caminhão para guardar, mas percebi que ele ligou para ela duas vezes para saber se já tinha terminado a entrevista e porque estava demorando muito.

3.2 - Entrevista com o Cliente

T. chegou ao local da entrevista (anexo II) acompanhado da mãe e da irmã mais nova, estava bastante tímido no começo da entrevista.

Quando perguntei se sabia o porquê do atendimento, ele me respondeu que eu iria ajudá-lo a tirar melhores notas na escola, e saberia porque ele tem muita dificuldade de aprendizagem. Isto permite levantar a hipótese de que há uma circulação de informações entre os membros da família.

Esta hipótese se confirma quando T. afirma que não fica sozinho em casa, vai todos os dias para o trabalho da mãe pois tem medo de ficar sozinho. Perguntei de que ele tinha medo e ele me respondeu ter muito medo de bichos. “Tenho medo dos bichos das florestas, cobras, onças, estas coisas aí...”.

Para Del Giúdice (2009) é importante delimitar a origem do medo, entendendo, primeiro, que alguns fatos da realidade podem despertá-lo e também que pode existir uma relação entre a inquietação e uma experiência externa traumatizante. O importante é saber se são manifestações isoladas, que podem ser superadas com uma explicação precisa em cada momento, escutando o que dizem as crianças, ou se elas se instalam como modo de comportamento para enfrentar a realidade.

O paradoxo nesta idade é que os adolescentes põem à prova todas as medidas de segurança e as normas aprendidas; por um lado, porque já estão incorporadas e acreditam que "já conhecem o mundo"; e, por outro, porque não

querem manifestar a inquietação produzida ao conhecer lugares novos, aonde os pais não vão.

T. respondeu-me com pouquíssimas palavras às perguntas que fiz, demonstrando muita timidez. Percebi nitidamente que conversa muito rápido e engole sílabas. Tem sotaque um pouco diferente, devido ao pai ser paraibano e ele conversa com o mesmo sotaque do pai.

Ele conhece algumas informações básicas do seu cotidiano, sabe nome completo dos pais, mas a idade, não tem certeza. Quando perguntei o endereço de sua casa, disse que não sabia e na maioria das respostas de T. ele usa “não sei, de vez em quando ou mais ou menos”, confirmando que estes dados não são compatíveis com sua idade.

Quando perguntei sobre o seu relacionamento com o pai percebi certa frieza. Disse que não conversa muito com o pai, só com a mãe. Perguntei o motivo de ele conversar pouco com o pai, ele disse: “meu pai é muito sério, quase não fica em casa e quando conversa comigo é só para me mandar fazer alguma coisa”.

Para Freud (1958), pais e filhos do mesmo sexo tendem a se envolver em conflitos competitivos, eles competiriam pela atenção e amor do genitor do sexo oposto. Segundo outros autores, porém, eles competem devido à percepção conflitante de seus papéis sexuais. Adolescentes são mais estereotipados na sua visão de comportamento para homens e mulheres do que qualquer outro grupo etário. Parece natural, pois, que eles confrontem e desafiem o comportamento parental e não se conformem com suas percepções. Na adolescência o conflito é naturalmente maior com o genitor do mesmo sexo, que também costuma servir de modelo de identificação.

Quando relata a ausência do pai podemos constatar que de acordo com Bossa (2002, p.48) “... o sintoma na aprendizagem escolar pode ser uma resistência sadia a algo que pode transformar-se em uma total violência à natureza humana”.

O adolescente percebe o mundo, interage e troca conhecimento, como todos nós, no entanto, não é ainda dotado de um poder de argumentação para se defender do que incomoda, ou para explicar o que não está bem, então a escola passa a ser o terreno da manifestação dos sintomas, já que na maioria das vezes, os pais são contatados pela escola, o que os faz dirigir suas atenções ao adolescente.

Muitas vezes também há muito mais coisas por trás da dificuldade em aprender, do que a dificuldade propriamente dita, como, por exemplo, algum bloqueio e falta de concentração, podem muitas vezes ser um sintoma causado face a um problema de fundo emocional que está latente ou que não foi ainda elaborado.

Em casa o que T. mais gosta de fazer é ver televisão, e o que menos gosta é ajudar com os afazeres da casa, principalmente quando a “ mãe coloca ele para catar o cocô do cachorro”. (sic.)

T. afirma não fazer tarefas em casa porque não consegue. Diz prestar atenção nas aulas, mas quando chega em casa não sabe resolver as atividades e a sua mãe não consegue ajudá-lo porque cursou somente até o 6º ano e ele já está no 7º. As tarefas de casa ficam todas sem responder, não faz trabalhos escolares e não costuma receber colegas em casa. Diz a mãe que não recebe reclamações da escola quanto à disciplina, mas sim, porque ele é muito disperso e não faz as atividades propostas.

Para Romano (2007), a responsabilidade com a Lição de Casa é uma atitude a ser desenvolvida no aluno. No entanto, nem o descaso com a tarefa, nem a excessiva preocupação deve estar presente. O professor deverá cuidar e agir coerentemente, para que o aluno perceba a diferença entre não fazer a lição ou parte dela, porque tentou, mas não conseguiu, trazendo assim as suas dúvidas para a sala de aula, e não trazer a lição por motivos que demonstram descompromisso.

A família diz que quase não passeiam, somente vão à casa de outra pessoa da família. Nos finais de semana gostam de assistir filmes em casa, ou ir para a casa de um parente. Na escola diz que tem um amigo que gosta de conversar. O que mais gosta na escola é de encontrar com os amigos e o que menos gosta é de ir para a secretaria porque não está fazendo as tarefas.

T. afirma não gostar de ler. De vez em quando lê gibi, onde se tem a hipótese de ter a leitura somente como uma diversão. Gosta mesmo é de ver desenho na TV. Gosta muito de música, mais das evangélicas. Não pratica nenhum esporte, só gosta de andar de bicicleta e soltar pipa, onde pode-se inferir que suas atitudes não são compatíveis com sua idade.

Sempre quando precisa de alguma ajuda procura pela mãe, pois nela tem mais confiança e encontra maior apoio.

3.3 – Atividades lúdicas

3.3.1 - Pintura Livre

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, o objetivo da pintura livre (anexo III) e das Artes é um componente fundamental no desenvolvimento da aprendizagem do aluno, onde proporciona caminhos que possibilitam a reflexão, seja na sua própria produção, na do colega ou do artista. É importante destacar, que o trabalho educacional com Artes Visuais não visa a formar artistas, mas ampliar a capacidade criativa dos alunos e possibilitar que eles conheçam a linguagem artística e tenham um olhar sensível para o mundo, aprendendo a representá-lo. A pintura de T. demonstra o gosto e o conhecimento das histórias infantis

3.3.2 – Tangram

Segundo Souza (1995) o tangram (anexo IV) é um quebra-cabeça chinês, de origem milenar. Ao contrário de outros quebra-cabeças ele é formado por apenas sete peças com as quais é possível criar e montar cerca de 1700 figuras entre animais, plantas, pessoas, objetos, letras, números, figuras geométricas e outros. As regras desse jogo consistem em usar as sete peças em qualquer montagem colocando-as lado a lado sem sobreposição.

Existem várias lendas sobre a origem deste jogo. Uma delas conta que um chinês deixou cair no chão um pedaço de espelho, de forma quadrada, o qual se quebrou em sete pedaços. Para sua surpresa, com os cacos do espelho, ele poderia dar origem a várias formas conhecidas como animais, plantas, pessoas, objetos, letras, números, figuras geométricas, entre outras.

O objetivo deste jogo é utilizar as sete peças, sem sobreposição, para montar uma determinada figura.

T. procurou uma forma de fazer um desenho mais fácil e rápido sem pensar muito, não demonstrou muito interesse em brincar com o jogo.

3.3.3 – Origami

O origami (anexo V) é uma arte de dobrar papéis, onde se pode criar todo tipo de objetos ou animais a partir de um papel quadrado e sem necessidades de corte,

e pode ser utilizado como possível ferramenta para utilização em sala com atividades relacionadas a geometria e artes.

Durante a aplicação do origami, T. procurou fazer uma forma mais fácil e mais simples, sem pensar muito e nem usar de muita criatividade.

3.3.4 - Mosaico de Papel

O objetivo do mosaico de papel (anexoVI) é levar o aluno a desenvolver a motricidade fina, estética, combinação das cores e disposição dos materiais dentro de um campo espacial, principalmente a inteligência lógica.

Durante a montagem do mosaico T. demonstrou desânimo e desinteresse pela atividade, mas se propôs em fazê-la pois acredita que isto pode ajudá-lo de alguma forma.

3.4 – Provas de diagnóstico operatório

3.4.1 - Prova de Conservação de Volume

Com relação à Prova Operatória de Conservação de Volume as respostas de T. são compatíveis, com respostas de nível 3, segundo MacDonnell (1979), esta prova estuda o grau de aquisição da invariância. T usou o argumento de identidade, onde a criança é capaz de dar uma ou várias explicações.

Durante a aplicação da prova operatória observei que T. respondeu com clareza e convicção suas respostas. Quando perguntei o que aconteceria se eu introduzisse a bola no copo, ele respondeu: “A água irá derramar” e quando perguntei o que aconteceria se eu colocasse no outro copo ou modificasse a forma da massa ele respondeu: “Não vai mudar em nada, porque a massa é a mesma e vai ocupar o mesmo espaço no copo”.

3.4.2 - Prova de Pensamento Formal

Com relação à prova de pensamento formal as respostas de T. são compatíveis com resposta de nível 2. Segundo MacDonnell, (1979) estas provas nos permitem detectar se a criança alcançou o nível de pensamento, forma e, em caso

afirmativo, situá-la no primeiro ou no segundo estágio deste período (início ou auge). As combinações são incompletas, método de aproximação sem generalizações: são condutas próprias de um pensamento operatório concreto(7 a 11 anos).

A criança deste nível descobre a possibilidade de combinar as fichas à medida que vai operando sobre elas, mas não pode prever o número total das combinações possíveis. Consegue produzir numerosas combinações mas sem ordem estabelecida por falta de uma estratégia adequada. A falta de método sistemático não permite fazer aparecer todas as combinações possíveis.

Durante a prova de pensamento formal percebi que T. não gosta muito de raciocinar. Fez uma análise lógica e quando propus fazer as correspondências de uma ficha com a outra, ele começou a mexer as fichas, parou, olhou para as fichas, ficou alguns segundos em silêncio e me deu sua suposição: “ deve dar umas 25...” (combinações). Perguntei: Como você descobriu isto? Eu contei as fichas olhando para elas. Então eu disse: Por que você não tenta combinar uma ficha com a outra? (Mostrei como). Ele olhou novamente para as fichas, mexeu com elas umas duas vezes, olhou para elas novamente em silêncio, por alguns segundos, e me respondeu: Eu já sei... dá umas 45.

3.5 – Provas projetivas

3.5.1 - Par Educativo

Para Duarte (1992) o par educativo (anexo VII) leva a relações onde um se propõe a ensinar e o outro a aprender. Logo, além de ser uma relação de aprendizagem, é também uma relação onde o desenvolvimento afetivo de cada um, aluno e professor, também afloram, ficando o aprender envolvido nos aspectos pessoal e psicológico.

Se o professor se dá conta de que não é o detentor do saber e sim o facilitador deste, poderá conduzir o aluno na direção mais independente desta busca. Para tal, o professor deverá ter autonomia de seus conteúdos afetivos, para então poder melhor conduzir o afetivo atrelado ao pedagógico de seu aluno.

No desenho do Par Educativo (anexo V) de T. houve a presença de objeto de aprendizagem, que permite inferir que os conhecimentos foram valorizados e são

considerados de grande importância. A cena que ele criou foi escolar produtiva, personagens estavam próximos um do outro, onde manifesta uma relação positiva com possibilidade de integração de experiências, informações e trocas afetivas. Os personagens estão lado a lado, evidenciando aproximação entre professor e aluno, porém, tal aproximação não garante a aprendizagem.

No desenho existe uma interação entre as formas usadas para representar o conhecimento, flexibilidade e coerência de pensamento.

Houve em seu desenho pobre uma hiperacomodação e hipoassimilação, com pouca criatividade e com tendências imitativas. Segundo Alicia Fernandez a hiperacomodação causa uma pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência à crítica, submissão e a hipoassimilação. O indivíduo é hiperacomodativo.

Quanto ao objeto de conhecimento, o professor e o aluno estão perto do objeto de conhecimento, o que indica um vínculo positivo com a aprendizagem.

O desenho de T. é grafado pequeno, o que permite inferir que há a presença de um vínculo negativo com a aprendizagem, Quanto ao tamanho dos personagens ele grafou de forma normal, bem dimensionada, o que indica uma relação equilibrada onde o negativo e o positivo estão integrados adequadamente.

Após análise dos indicadores pode-se afirmar que T. apresenta um vínculo mais positivo com a aprendizagem.

3.5.2 - Família Educativa

A família educativa (anexo VIII) tem o objetivo de estudar o vínculo de aprendizagem com o do grupo familiar e cada um dos integrantes do mesmo.

No desenho de T. ele fez uma representação de cada um de sua família fazendo o que sabe fazer, onde aparecem o pai, a mãe e a irmã, onde todos fazem algo, mas não se interagem, e nenhum ensina o outro. Os personagens são compatíveis com a idade. Ele se desenha no grupo, em tamanho compatível com sua idade.

Ele demonstra conhecimentos das atividades realizadas e as relata de forma coerente e com coesão, porém com muito poucas palavras e com desenhos que demonstram uma hiperacomodação, que segundo Alicia Fernández demonstra uma

pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência acrítica às normas, submissão.

Pode-se afirmar que o vínculo com a família é positivo, porém demonstra que o pai é muito ausente e está sempre viajando.

3.5.3 - Eu e Meus Companheiros

Na prova Eu e Meus Companheiros (anexo IX) que tem o objetivo de estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de classe, estes são os resultados obtido com a prova onde T. desenhou dois de seus melhores amigos da escola. Perguntei a relação de tamanhos dos personagens e ele disse que ele é o mais alto dos três o que corresponde corretamente ao seu desenho e à idade. Ele me respondeu que ele e o Igor têm a mesma idade, 14 anos e Matheus tem 13 anos e é o menor. Perguntei o que eles fazem juntos, disse-me com poucas palavras “só conversa”. Perguntei: sobre o quê? Ele me disse: Ah...sobre tudo, das meninas... tudo”.

T. fez um desenho onde ele está em uma extremidade do grupo, o que demonstra uma interação relativa. Fez um desenho completo do grupo, todos com rosto e roupas adequadas. O que se pode inferir em seu desenho é um vínculo positivo com seus companheiros.

3.6 – Jogo de Regras

Conforme Vygotsky (1989, p.109) “o lúdico influencia enormemente o desenvolvimento da criança. É através do jogo que a criança aprende a agir, sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração”.

As vantagens que os jogos trazem consigo são: entusiasmo, concentração, motivação, entre outras. Os jogos mantêm uma relação estreita com a construção do conhecimento e possuem influência como elemento motivador no processo de ensino e aprendizagem.

O que caracteriza o jogo de regras é a existência de um conjunto de leis imposto pelo grupo, sendo que seu descumprimento é normalmente penalizado. Há uma forte competição entre os indivíduos. O jogo de regra pressupõe a existência de parceiros e um conjunto de obrigações (as regras), o que lhe confere um caráter eminentemente social.

3.6.1 – Jogo dos Pontinhos

O objetivo do jogo dos pontinhos (anexo X) é preencher os pontos interligando-os entre si. Quando se formar um quadradinho fechando o ciclo você ganham-se os pontos dele. O jogador deve tentar fechar o máximo de número de quadrados para vencer. Durante este jogo T. demonstrou maior interesse e participação.

3.6.2 - Pega varetas

O objetivo deste jogo é desenvolver a concentração, raciocínio matemático, e as operações aritméticas podendo usar como conteúdos a adição, a subtração e multiplicação no conjunto dos números naturais. O material utilizado são palitos pintados nas cores: 10 amarelas, 7 verdes, 6 azuis, 5 vermelhas e 1 preta num total de 29 palitos. Cada cor representa um valor e ganha o jogador com maior número de pontos.

Durante a aplicação deste jogo T. demonstrou interesse, mas com um pouco de dificuldades nas somas matemáticas. Quando percebeu que o jogo envolvia contas, quis logo terminar e jogar outro.

3.6.3 - Jogo da Velha

O jogo da velha (anexo XI) tem o objetivo de desenvolver a concentração e raciocínio lógico. Durante o jogo, T. teve interesse e habilidades para jogar.

3.7 - Provas Pedagógicas

Na prova de Matemática (anexo XII) T. demonstrou muita dificuldade. Ficou pedindo para eu explicar o que ele não estava entendendo. Tem muita dificuldade para ler os enunciados e não conseguiu responder questões simples de raciocínio lógico. Não conseguiu compreender a tabuada. Mostrou muita dificuldade com as contas simples de multiplicação e divisão.

Na prova de Português (anexo XIII), há muitos erros de ortografia: não coloca acentos, troca o m por n e vice versa, não tem coerência nas frases e a caligrafia é muito ruim.

3.8 - Material Escolar

Quanto ao material escolar T. tem um vínculo negativo. É desorganizado, o caderno é todo rabiscado e com desenhos de monstros. O método de ensino parece ser sóciointeracionista pois há muito pouco conteúdo no caderno. T. não apresenta um nível de pensamento adequado ao ano escolar, ele não responde a perguntas fáceis e raciocínio lógico.

Às vezes ele copia o conteúdo feito em sala, mas quase todo o caderno está sem respostas e quase nenhuma atividade é concluída do começo ao fim.

Na observação do material escolar ele não progrediu e nem regrediu, do início do ano até o mês atual.

O seu caderno só tem desenhos de monstros e nomes de meninas. A professora faz algumas anotações, mas ele nem se importa. Ele não corrige nenhuma tarefa e é totalmente dependente da professora para responder as atividades. Só responde se ela corrigir no quadro.

3.9 - A Hora do Jogo

Durante a Hora do Jogo, trabalhei com o papel pardo e vários objetos. T. quase não usou nenhum objeto, somente tesoura, papel e cola. Recortou 3 peixes e um aquário. Quando foi contar a história, descreveu a história do Nemo (filme). Usou pouquíssimas coisas e criou uma história pobre. Tem um inventário pobre e usou uma história que já conhecia.

A modalidade de aprendizagem em que o aprendente se encontra é sintomática, havendo uma hiperacomodação juntamente com hipoassimilação, que para Fernández, (1991 p.110) a acomodação consiste em adaptar-se para que ocorra a internalização. A sintomatização da acomodação pode dar-se pela resistência em acomodar, ou numa dificuldade de internalizar os objetos.

3.10 - Linguagem Oral

Segundo (JOSÉ, 1997, p. 75) através de experiências científicas constatou-se que o sucesso da criança na aprendizagem da leitura e da escrita depende do seu amadurecimento fisiológico, emocional, neurológico, intelectual e social.

T. tem uma fala um pouco difícil de entender, fala muito rápido e baixo, e às vezes engole sílabas.

Fala pouco, apresenta muita inibição ao falar, não tem segurança ao falar, muitas vezes só gesticula ou balança a cabeça como sim ou não. O pai tem um sotaque paraibano e também fala muito rápido, talvez por isso T. também apresenta esta forma de se comunicar.

Na leitura ele sente muita vergonha para ler, diz que não é bom para ler. Na leitura silenciosa demonstrou muita insegurança e me disse que não entendeu nada do que leu. Na leitura em voz alta, leu tudo muito rápido, sem pontuação, com um certo nervosismo, com pronúncias incorretas e engolindo sílabas.

Tem muita dificuldade de interpretação, não compreende quase nada do que lê.

4 – HIPÓTESES DIAGNÓSTICAS

Observando os dados obtidos durante o processo de investigação foi possível constatar que o comportamento apresentado pelo adolescente reflete a questões múltiplas.

Para Fernández (1990, p.110) “A modalidade de aprendizagem é como uma matriz, um molde, um esquema de operar que vamos utilizando nas diferentes situações de aprendizagem”.

Nos aspectos gerais, o adolescente apresentou dificuldades na leitura, escrita e nas operações matemáticas. Apresenta dificuldades na competência linguística de memória e concentração. Apresenta limitações em interpretações, produções de texto e nas dificuldades ortográficas.

A nível emocional T. apresenta muita timidez e insegurança, medos e baixa autoestima. Demonstra: carência quanto ao suprimento de suas necessidades, por falta de um vínculo maior com o pai e maior valorização por parte da mãe.

Levando em consideração estes aspectos com uma observação mais detalhada, a possível causa do problema de aprendizagem é interna à estrutura familiar, com uma modalidade de aprendizagem em desequilíbrio, sintomatizada na hiperacomodação e hipoassimilação.

Como T. apresenta um vínculo positivo com a aprendizagem, necessita de estímulos significativos, para se sentir como alguém capaz de construir melhores condições de aprendizagem que o realize como um ser capaz de construir e crescer.

5 – SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS

As recomendações para que haja mudanças necessárias ao desenvolvimento do adolescente são iniciar um acompanhamento psicopedagógico clínico, em que o Psicopedagogo irá auxiliar o adolescente a superar o seu problema, fazendo-o perceber o prazer que lhe pode proporcionar o ensino, favorecendo-lhe o descobrimento da capacidade criativa, da subjetividade ajudando a superar dificuldades que impeçam o desenvolvimento da aprendizagem e buscando soluções para as causas que estejam se constituindo num bloqueio da comunicação dele com o meio que o cerca.

Aconselha-se a prática esportiva adaptada às suas capacidades como o xadrez, futebol, natação. Propõe-se também ocupações produtivas como arte, música entre outros.

Recomenda-se para os pais um acompanhamento psicológico (se possível) e também cabe aos seus pais, professores e especialistas, estabelecerem um espaço de confiança, segurança, tranquilidade e prazer entre todos, onde seja possível a aprendizagem com regras firmes e claras, mas flexíveis para permitir experimentação e escolha com respeito e acolhimento para ouvir as demandas por todos.

Liberdade que permita o processo de construção da individualidade, aconselha-se a troca de afetividade, possibilitando o estabelecimento de vínculos.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho relata a importância do estágio na formação do Psicopedagogo e propõe a necessidade de uma maior reflexão e uma visão diferenciada em relação à aprendizagem. O aluno que apresenta dificuldades pode exigir um atendimento diferenciado para que haja o desenvolvimento de suas habilidades e com a modalidade de aprendizagem que produza um equilíbrio.

Considerando a escola responsável por grande parte da formação do ser humano, o trabalho do Psicopedagogo tem a função de assessoramento para o desenvolvimento do processo de aprendizagem do aluno que apresenta dificuldades.

Foi extremamente proveitoso e prazeroso para mim estudar e realizar esse trabalho. Espero ter conseguido atingir os objetivos pertinentes à disciplina.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Importância do Lúdico no Desenvolvimento da Aprendizagem da Matemática Disponível em <Http://www.webartigos.com>. Acesso em 15/08/2010 as 23:25 h.

Arte Educando, Disponível em www.wordpress.com.br Acesso em 10/08/2010 as 23:15 h.

Associação Brasileira de Psicopedagogia. Disponível em WWW.abpp.com.br. Acesso em 19/09/2010 as 09:30 h.

AURELIO, **O mini dicionário de língua portuguesa**, 4ª edição, revista e ampliada do Dicionário Aurélio, 7ª edição – Rio de Janeiro.2002.

BOSSA, N.A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Rio Grande do Sul: Artes Médicas Sul, 2000.

BOSSA, N.A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

_____, **Fracasso escolar: Um olhar Psicopedagógico**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

_____, **Avaliação Psicopedagogia da criança dos sete aos onze anos**. Porto Alegre: Ed. Vozes, 1996.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 1996

DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DELGIÚDICE, Mabel, fonte: educarede iberoamericano – **Seção entre pais**. Disponível no site <http://www.colegioemilie.com.br> acesso em 16/10/2010 às 22:45 h.

DUARTE, W. F.1992. **A matemática das da Técnica do Desenho Cinético numa Amostra de Escolares de 1ª a 4ª série**. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia na Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

Educar para crescer. Disponível em www.educarparacrescer.abril.com.br Acesso em 15/09/2010 às 20:45h.

Estatuto da Criança e do Adolescentewww.planalto.gov.br acesso em 15/10/2010 às 22:10h.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREUD, S. 1958. **Fim do Complexo de Édipo**. In: Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta.

GONÇALVES, J. E. **Jogos: como e porque utilizá-los na escola?** Disponível em: <<http://www.aprender-ai.com>>. 1999. Acesso em 21/10/10 às 20:45 h.

JOSÉ, E.A. ; COELHO, M.T. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1997.

KISHIMOTO, Tizuko M. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo. Cortez, 2000.

Klick Educação, Disponível em www.klickeducação.com.br. Acesso em 13/08/2010 as 21:45 h

MACDONNELL, J.J.C. **Manual das Provas de Diagnostico Operatório**. Tradução: Simone Calberg. 1979.

Organização Pan-Americana de saúde disponível no site www.opas.org.br acesso em 15/10/2010 às 22:30h.

Os medos na infância e na adolescência, Disponível em WWW.colegioemilie.com.br Acesso em 13/08/2010 às 22:10h.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

PIAGET, Jean. 1975. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Psicopedagogia Brasil, Disponível em www.psicopedagogiabrasil.com.br . Acesso em 10/08/2010 às 22:36 h.

ROMANO, E.P. 2007. **Lição de casa – Que prática é essa?** Disponível no site [site//www.ecc.br/fundamental.htm](http://www.ecc.br/fundamental.htm), Acesso em 14/08/2010 às 23:45 h.

SOUZA, E.R. **A matemática das sete peças do tangram**. Caem - IME-USP. São Paulo, 1995.

VISCA, J.. **Clínica Psicopedagógica: epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

VYGOTSKY, A. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____, **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

WEISS, M.L.L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 6° Ed. - Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2003.

_____, (1992). **Psicopedagogia clínica: Uma visão diagnóstica.**
Porto Alegre: Artes Médicas, 1992